

**AS CARACTERÍSTICAS COMPORTAMENTAIS EMPREENDEDORAS DOS
ESTUDANTES DE GRADUAÇÃO**
ENTREPRENEURIAL BEHAVIOURAL CHARACTERISTICS OF UNDERGRADUATE STUDENTS
**LAS CARACTERÍSTICAS COMPORTAMENTALES EMPREENDEDORAS DE LOS ESTUDIANTES DE
GRADUACIÓN**

CRISTIANE KRÜGER

Doutoranda

Universidade Federal de Santa Maria - Brasil

cris.kruger@hotmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2271-6432>

ITALO FERNANDO MINELLO

Doutor

Universidade Federal de Santa Maria - Brasil

if.minello@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5240-8196>

Submetido em: 07/02/2018

Aprovado em: 03/08/2018

Doi: [alcance.v25n2\(Mai/Ago\).p142-160](https://doi.org/10.24080/alcance.v25n2(Mai/Ago).p142-160)

RESUMO

Este estudo objetivou analisar as características comportamentais empreendedoras (CCE's) em discentes da Universidade Federal de Santa Maria, *campus* de Frederico Westphalen (UFSM-FW). De forma específica, verificou-se o perfil dos discentes, identificando e comparando as características empreendedoras de acordo com o curso de graduação dos mesmos. A metodologia tem abordagem quantitativa; quanto aos objetivos é descritiva e a estratégia utilizada foi levantamento por meio de instrumento validado. Os questionários foram aplicados em sala de aula; dos 615 questionários aplicados, foram utilizados 597 para a realização dos testes estatísticos. Dos respondentes, 76% nunca cursaram quaisquer disciplinas relacionadas ao empreendedorismo, nesse sentido, apesar dos mesmos apresentarem as dez CCE's, a universidade empreendedora ainda não foi concretizada na instituição pesquisada. Os resultados revelam que os discentes possuem as dez CCE's, no entanto, as mesmas podem ser aprimoradas, tendo em vista a pontuação obtida. Além disso, foram comparadas as CCE's dentre os cursos pesquisados. O estudo limitou-se à instituição pesquisada, ao instrumento aplicado e à temporalidade da pesquisa. Para estudos futuros sugerem-se ampliar a amostra, introduzir entrevistas e realizar um acompanhamento longitudinal desses indivíduos.

Palavras-chave: Comportamento empreendedor. Características comportamentais empreendedoras. Alunos de graduação.

ABSTRACT

This study analyzes entrepreneurial behavioral characteristics (CCEs) among students of the Federal University of Santa Maria, Frederico Westphalen campus (UFSM-FW). The profile of the students was determined, identifying and comparing their entrepreneurial characteristics according to the undergraduate program taken. The methodology used a quantitative approach; in terms of objectives, this research is descriptive. The survey strategy used, with a validated instrument. Of the 615 questionnaires, which were applied in the classroom, 597 were used in the statistical tests. Of the respondents, 76% had not taken any subjects related to entrepreneurship. Thus, despite presenting the ten CCEs, the entrepreneurial university has not yet been materialized in the research institution. The results show that the students display the ten CCEs; however, these could be improved, based on the scores obtained. The CCEs were also compared across the courses studied. This study was limited to one research institution, the applied instrument, and the temporality of the research. For future studies, we suggest having a larger sample, using interviews, and performing a longitudinal follow-up of these individuals.

Keywords: Entrepreneurial behavior. Entrepreneurial behavioral characteristics. Undergraduate student.

RESUMEN

Este estudio objetivó analizar las características comportamentales emprendedoras (CCE's) en estudiantes de la Universidade Federal de Santa Maria, *campus* de Frederico Westphalen (UFSM-FW). De forma específica, se verificó el perfil de los estudiantes, identificando y comparando las características emprendedoras de acuerdo con la carrera de graduación de estos. La metodología tiene un abordaje cuantitativo; cuanto a los objetivos es descriptivo y la estrategia utilizada fue el levantamiento por medio de instrumento validado. Los cuestionarios fueron aplicados en clase; de los 615 cuestionarios aplicados, fueron utilizados 597 para la realización de las pruebas estadísticas. De los encuestados, 76% nunca cursaron ninguna materia relacionada al emprendedorismo, en este sentido, a pesar de que los mismos presentaron las diez CCE's, la universidad emprendedora aún no fue concretizada en la institución investigada. Los resultados revelan que los estudiantes poseen las diez CCE's, sin embargo, las mismas pueden ser mejoradas, teniendo en cuenta la puntuación obtenida. Además, fueron comparadas las CCE's entre las carreras investigadas. El estudio se limitó a la institución investigada, al instrumento aplicado y a la temporalidad de la investigación. Para estudios futuros se sugiere ampliar la muestra, colocar entrevistas y realizar un acompañamiento longitudinal de estos individuos.

Palabras-clave: Comportamiento emprendedor. Características comportamentales emprendedoras. Alumnos de graduación.

1. INTRODUÇÃO

Continuamente se evidencia a necessidade de incentivar empreendedores para que estes impactem no desenvolvimento da economia, gerando novas ideias e as transformando em empreendimentos de sucesso (Raufflet, Bres & Fillion, 2014). Nesse sentido, existe uma dependência cada vez maior da capacidade de ativos intelectuais para gerar soluções que visem ao desenvolvimento econômico e social (Quandt *et al.*, 2014). Mesmo em outras épocas, resgatando-se Schumpeter (1985), os empreendedores já assumiam papel relevante nestas frentes, por se caracterizarem como detentores de habilidades capazes de impulsionar tal processo de desenvolvimento.

Estes indivíduos empreendedores, na visão de McClelland (1972), possuem uma estrutura motivacional diferenciada pela presença marcante da necessidade de realização, o que os encoraja a buscar objetivos que envolvem atividades desafiadoras, porém com riscos calculados. Tais características podem ser aperfeiçoadas, mediante processos de aprendizagem (Politis, 2005; Dolabela & Fillion, 2013; Zampier & Takahashi, 2014). Nesse processo de aprendizagem, desponta a universidade, com o papel de desenvolver os alunos.

Conforme dados do estudo GEM (2016), o percentual de brasileiros empreendedores iniciais, com idade entre 18 e 24 anos, aumentou de 18% (2012) para 20% (2016). Outro dado interessante é que mais de 30 milhões de

brasileiros com ensino superior completo são empreendedores (GEM, 2017). A partir destes dados, entende-se que o empreendedorismo é uma possibilidade para os universitários que estão se preparando para o mercado. No entanto, segundo a pesquisa “Empreendedorismo nas Universidades Brasileiras” (Sebrae & Endeavor, 2016), as universidades brasileiras não estão atendendo às necessidades desses alunos, visto que apenas 36% do corpo discente das universidades está satisfeito com as iniciativas de empreendedorismo promovidas por sua instituição.

Nesse sentido, o ensino em cursos de graduação deve oportunizar conhecimentos que ampliem a formação superior básica. Deve, ainda, estar em sintonia com as demandas da sociedade, assim como com a geração de conhecimentos na área de empreendedorismo, por meio de pesquisa científica. Desta forma, poderá haver contribuição mais efetiva para a qualidade de vida das pessoas, minimizando as desigualdades sociais e oportunizando a geração de emprego e renda (Flores, Hoeltgebaum & Silveira, 2008).

Sob esse enfoque, Garcia *et al.* (2012) defendem que uns dos principais instrumentos que contribuem para o desenvolvimento econômico e tecnológico dos países são os empreendedores acadêmicos, ou seja, empreendedores que ainda estão inseridos em instituições de ensino superior. Isso ocorre devido à possibilidade desses alunos criarem organizações estruturadas a partir de conhecimentos científicos e tecnológicos. Desse modo, tais empresas possuem maiores chances de estabelecer atividades inovadoras, contribuindo, assim, para efeitos ou resultados positivos para a sociedade.

Colaborando com o exposto, a Comissão Europeia (2007) reforça a relevância de programas de formação empreendedora identificando países como Espanha, Irlanda, Chipre, Polônia e Reino Unido que contemplam o empreendedorismo nos currículos de ensino básico. Somado a isso, destaca-se que a referida Comissão, em 2012, estabeleceu diretrizes estratégicas para o avanço do perfil empreendedor por meio da educação como uma das principais ações para a promoção da atividade empreendedora no referido bloco (Comissão Europeia, 2012).

Outra questão relevante, em relação ao ensino do empreendedorismo, diz respeito ao seu objetivo, que consiste tanto em repensar um negócio já existente, quanto estruturar um novo negócio, incentivando o comportamento empreendedor (Krakauer *et al.*, 2015) e preparando o aluno para ingressar no mercado de trabalho. Nessa perspectiva, o mercado passou a ser um desafio para os formandos, pois as empresas não conseguem mais absorver profissionais e os alunos devem ser estimulados a desenvolver seu potencial empreendedor ao longo do curso superior, para assegurar seu futuro profissional (Moreira *et al.*, 2015).

Neste cenário, inserem-se os futuros empreendedores, hoje acadêmicos de graduação, os quais atuarão em atividades empreendedoras que demandam certas habilidades que podem ser aprimoradas com o desenvolvimento de características empreendedoras ao longo da graduação, vislumbrando uma melhor inserção e adaptação às exigências do mercado de trabalho. Segundo Minello (2010), é a partir do nível de habilidades que os alunos apresentam maior propensão de apresentar características empreendedoras, podendo estas serem moldadas e estimuladas.

A partir do exposto, o objetivo deste estudo consiste em analisar as características comportamentais empreendedoras (CCE's) presentes em discentes da Universidade Federal de Santa Maria, *campus* de Frederico Westphalen (UFSM-FW). De forma específica, pretende-se verificar o perfil dos discentes, identificar e comparar as características empreendedoras de acordo com o curso de graduação desses discentes.

Entende-se que o presente estudo pode contribuir para uma reflexão acerca das características comportamentais empreendedoras junto aos discentes da UFSM-FW. E com relação ao reflexo social, este estudo pode fomentar o comportamento empreendedor na instituição pesquisada, fortalecendo, futuramente, a capacidade competitiva de empreendimentos oriundos do meio acadêmico, proporcionando, com isso, maior circulação de renda, mais empregos e repercutindo na melhoria da qualidade de vida da população.

No próximo capítulo, é apresentado o referencial teórico para este estudo, contemplando as características comportamentais empreendedoras.

2. CARACTERÍSTICAS COMPORTAMENTAIS EMPREENDEDORAS (CCE'S)

O empreendedor não é um ator social estático no que se refere ao seu comportamento, mas um indivíduo dinâmico. Estes não se desviam de seus objetivos, eles agem repetidamente ou mudam de estratégia a fim de enfrentar desafios e superar obstáculos, mesmo que seja necessário o sacrifício pessoal (Carreira *et al.*, 2015). A respeito do comportamento empreendedor, Engelman e Fracasso (2013) consideram que as características empreendedoras podem contribuir para o sucesso dos empreendimentos.

Essas características são: busca de oportunidades e iniciativa, correr riscos calculados, persistência, exigência de qualidade, comprometimento, busca de informações, estabelecimento de metas, planejamento e monitoramento sistemático, persuasão e redes de contato, independência e autoconfiança (MSI, 1990) e outras habilidades e características individuais. Para identificar o comportamento empreendedor e essas características comportamentais empreendedoras, Brancher, Oliveira e Roncon (2012) apontam que é imprescindível analisar o trabalho de David McClelland.

Considerando que as CCE's podem favorecer o sucesso de empreendimentos, tais características ganham relevância, podendo ser desenvolvidas (Raupp & Beuren, 2011). Para estes autores, nem todos possuem habilidades que permitem empreender. Eles entendem que são necessárias algumas características inerentes ao indivíduo e outras que possam ser aprendidas, e que o conjunto dessas características permite converter o esforço desse indivíduo, denominado empreendedor, em desenvolvimento de uma nova ideia, que culminará com a criação de um empreendimento.

Dentre os autores que estudaram as características comportamentais empreendedoras, destaca-se David McClelland (1961), que foi um dos primeiros estudiosos a usar as teorias da ciência comportamental para realizar estudos de cunho empírico sobre a motivação para empreender. A teoria de McClelland (1972) se sobressai dentre as demais pela facilidade de abordagem, sendo considerada ainda hoje uma das teorias mais importantes, conhecidas e complexas dentre as teorias comportamentais da motivação humana psicológica. McClelland (1972) procurou estabelecer uma relação entre a necessidade de realização e o desenvolvimento econômico de determinadas sociedades (Chyng & Kitahara, 2015), valendo-se de um método denominado "*Thematic Aperception Test*" (T.A.T) e testes de resolução de problemas. McClelland e seus colaboradores concluíram que três grupos de características empreendedoras são essenciais e insubstituíveis, sendo elas sucesso, afiliação e poder (McClelland, 1972).

Os estudos de McClelland foram aprimorados na década de 80, em que a USAID (Agência para o Desenvolvimento Internacional das Nações Unidas), a *Management Systems International* (MSI) e a McBeer e Company, empresa de consultoria de McClelland, iniciaram um projeto para estudos mais abrangentes acerca das características comportamentais empreendedoras. O projeto iniciou a partir de um estudo em 34 países, nos quais foram identificadas diversas características comportamentais empreendedoras, comuns aos empreendedores de sucesso. Estes estudos iniciais trouxeram 20 características comportamentais empreendedoras agrupadas em três grupos: sucesso, afiliação e poder (McClelland, 1987).

Esses estudos foram modificados durante o final de 1986 e início de 1990, as características foram reduzidas para dez características comportamentais empreendedoras (MSI, 1990). Essas características foram escolhidas por meio de um processo realizado em quatro etapas. Inicialmente, fora realizada uma revisão minuciosa da literatura, conduzida por *Heber and Company*, para determinar as características que emergiram de sua pesquisa na Índia, no Equador e no Malawi. Esta investigação produziu uma lista inicial de 20 características, que fora modificada para quinze e posteriormente reduzidas para dez (MSI, 1990).

A redução das características ocorreu por meio da formatação de uma nova nomenclatura e subdivisão de grupos, foram feitos novos módulos e exercícios, posteriormente, testados em campo, incorporando-os em programas existentes no Quênia, no Senegal, no Inglaterra e nos Estados Unidos. Com o passar dos anos, novas revisões foram realizadas a partir desta experiência e o pacote final completo das dez características comportamentais empreendedora foi montado para uma aplicação teste no Malawi, em julho de 1986 (MSI, 1990).

As características comportamentais empreendedoras foram reagrupadas em três categorias de competências pessoais diferentes: realização, planejamento e poder e referem-se às seguintes características: busca de oportunidades e iniciativa; persistência; comprometimento; exigência de qualidade e eficiência; correr riscos

calculados; estabelecimento de metas; busca de informações; planejamento e monitoramento sistemáticos; persuasão e rede de contatos; e independência e autoconfiança (MSI, 1990). Sendo estas as características que o empreendedor bem-sucedido deve ter ou que precisa desenvolver.

Em seu estudo, McClelland (1972) destaca o comportamento das pessoas com seu vínculo de trabalho, organizações e mercado de trabalho. Ele traz, ainda, as mudanças do século XX, evidenciando os temas relacionados ao empreendedorismo, ao empreendedor e ao comportamento empreendedor, o que revela a importância de estudar e fomentar o empreendedor diante de sua importância no desenvolvimento econômico. Segundo Câmara e Andalécio (2012), a literatura sobre o que são os empreendedores e suas características mais marcantes é vasta. A personalidade foi amplamente estudada por McClelland (1961). Para o estudioso, a necessidade específica de realização é presente e gera uma estrutura motivacional diferenciada no empreendedor (McClelland, 1961).

McClelland (1972), tendo como premissas o enfrentamento de desafios e a percepção de oportunidades dos indivíduos, classificou a sociedade em dois grupos, os que apresentam predisposição para empreender e os que não se dispõem a correr riscos de tal natureza. O estudo das características do primeiro grupo permitiu a McClelland traçar um perfil empreendedor, que está continuamente em busca de realização profissional e pessoal. Zampier e Takahashi (2014) salientam que este perfil é marcado por ações empreendedoras, sendo que tais ações refletem o comportamento empreendedor, o que corrobora a ideia de McClelland (1987), que segmentou estas características em três dimensões: realização, planejamento e poder.

Essas dimensões apontam uma série de características, definida pelo comportamento empreendedor frente aos desafios vivenciados em seu cotidiano. As dimensões e as respectivas características comportamentais empreendedoras são apresentadas na constante no MSI (1990).

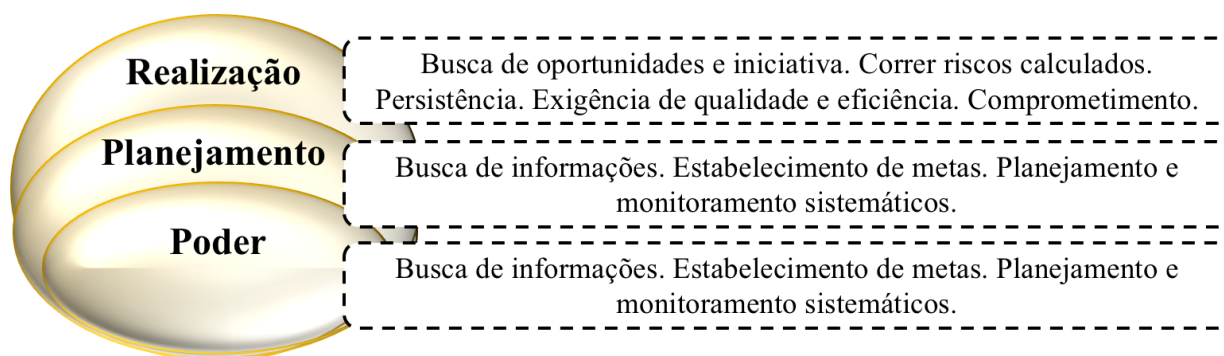


Figura 1. Dimensões e características comportamentais empreendedoras

Fonte: Adaptada de MSI (1990, p.80-81).

Ante aos desafios demandados pela criação, o empreendedorismo e a inovação têm se destacado como alguns dos temas emergentes, constituindo-se em importantes instrumentos na busca de soluções para os problemas sociais, para a geração de trabalho e renda, e na busca pelo desenvolvimento social e econômico (Casado, Siluk & Zampieri, 2012).

Para Nassif, Hashimoto e Amaral (2014), as características pessoais, incluindo a sua capacidade inovadora e a experiência acumulada, bem como o constante aprimoramento das habilidades para criar e gerenciar negócios, são a chave para os empreendedores alcançarem o sucesso. O desenvolvimento das características e das habilidades empreendedoras é um modo de “autoenriquecimento” (Boutillier & Uzunidis, 2014).

As características comportamentais empreendedoras podem ajudar os indivíduos a enfrentar os desafios de empreender (McClelland, 1978), assim como a inexistência delas pode inviabilizar a formação de um empreendimento. Para Minello (2014), o comportamento do empreendedor, no papel de gestor do seu próprio negócio, evidencia-se

também na sua capacidade de lidar com a adversidade e na própria adversidade. Nesse caso, o ensino do empreendedorismo pode ajudar a aprimorar tais características e habilidades de gestão, direcionando para a educação empreendedora (Leiva, Alegre & Monge, 2014).

Nesse contexto, ao visualizar as universidades como um sistema educacional, a mesma é uma área central de intervenção ao desenvolvimento de características empreendedoras, que podem levar a um comportamento mais empreendedor (Dinis et al., 2013). Desenvolver o comportamento empreendedor, para Souza (2001), é capacitar o aluno para que ele crie, conduza e execute o processo de elaborar novos planos de vida.

Para Krüger e Minello (2017), as universidades atuam como propulsoras do desenvolvimento científico, do conhecimento e são estimuladoras de sua aplicação de maneira vivencial, por meio da tríade ensino, pesquisa e extensão, o que é inerente para o progresso econômico e social. Concomitante a isso, Etkowitz (2009) propõe que a universidade empreendedora se dá a partir da transformação/criação dessa universidade de pesquisa. As universidades são as principais influenciadoras nesse processo de desenvolvimento de indivíduos empreendedores (Minello, Bürger & Krüger, 2017).

Na visão de Lorentz (2015), temas como comportamento e características empreendedoras vêm ganhando maior atenção nas instituições de educação superior, na medida em que ocorre maior profissionalização no alcance dos resultados esperados. Complementando, Souza e Santos (2013) colocam que incorporar o comportamento empreendedor na academia pode trazer diversas vantagens, tais como ambiente de inovação e estruturas mais ágeis e flexíveis, o que reflete, por conseguinte, em benefícios para a sociedade. Ademais, conforme Machado, Lenzi e Manthey (2017), o interesse pelo tema empreendedorismo entre os alunos e as instituições está promovendo, cada vez mais, ações para desenvolvimento das competências empreendedoras.

Nessa perspectiva, Lorentz (2015) evidencia que o indivíduo empreendedor manifesta uma série de características que o identifica, distinguindo-o de acordo com o conjunto de habilidades que mais se aproxima da sua forma de ser. Nesse sentido, as características empreendedoras fazem com que o empreendedor seja um ator social dinâmico em questões comportamentais (Marinho, 2016). Para Moreira (2011), é necessário que se desenvolva nos alunos um comportamento empreendedor durante o percurso acadêmico, de forma que estes consigam assumir a responsabilidade por suas carreiras, seja ao preparar-se para os desafios profissionais do mercado de trabalho ou na criação dos mais diferentes empreendimentos.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A abordagem metodológica utilizada nesta pesquisa é quantitativa, quanto aos objetivos é descritiva e a estratégia adotada foi o levantamento. Para Ramos (2013), a utilização de métodos quantitativos para análise da realidade social presente em um mesmo estudo, ou separados em estudos diferentes, tem o propósito de descrever e/ou comparar características de grupos sociais, realidades, contextos ou instituições e estabelecer relações. A pesquisa do tipo descritiva procura descrever as características de uma determinada população ou os fatos e os fenômenos de uma realidade, o que pode proporcionar uma maior familiaridade com o problema, tornando-o mais explícito e favorecendo o aprimoramento de ideias e considerações dos mais variados aspectos ligados ao fato estudado (Triviños, 1987).

O instrumento utilizado refere-se às características comportamentais empreendedoras (CCE's) desenvolvido a partir dos estudos de McClelland (Mansfield *et al.*, 1987), com o objetivo de identificar as características comportamentais empreendedoras dos discentes. Este questionário é baseado nas 10 CCE's de McClelland (MSI, 1990), composto por 55 afirmações. O instrumento foi respondido de acordo com uma escala de 5 pontos Likert, correspondendo à seguinte gradação: 1 = nunca, 2 = raras vezes, 3 = as vezes, 4 = frequentemente e 5 = sempre. De acordo com sua percepção, diante de cada uma das 55 assertivas que compõem o instrumento, conforme estabelecido na **Erro! Fonte de referência não encontrada.**

CCE	QUESTÕES					
Busca de oportunidades e iniciativa	Q1	Q12	Q23	Q34*	Q45	FC
Persistência	Q2	Q13	Q24	Q35*	Q46	FC
Comprometimento	Q3	Q14	Q25	Q36	Q47*	FC
Exigência de qualidade e eficiência	Q4	Q15	Q26	Q37	Q48	-
Correr riscos calculados	Q5	Q16	Q27	Q38*	Q49	FC
Estabelecimento de metas	Q6	Q17*	Q28	Q39	Q50	FC
Busca de informações	Q7	Q18	Q29*	Q40	Q51	FC
Planejamento e monitoramento sistemáticos	Q8	Q19	Q30	Q41*	Q52	FC
Persuasão e redes de contato	Q9	Q20*	Q31	Q42	Q53	FC
Independência e autoconfiança	Q10	Q21*	Q32	Q43	Q54	FC

Figura 2. Características e questões do instrumento das CCE's

* Questões negativas.

Fonte: Adaptada de Mansfield *et al.* (1987).

O (*) da Figura 2 corresponde às questões negativas, cuja pontuação deve ser subtraída do resultado final da respectiva característica e se deve acrescentar 6 (seis) pontos ao final do somatório. As questões de número 11, 22, 33, 44 e 55 correspondem ao "Fator de Correção", utilizado para evitar que, muitas vezes de modo inconsciente, o respondente apresente uma autoimagem excessivamente favorável. O Fator de Correção é utilizado se o somatório da pontuação dessas questões for igual ou superior a 20 (vinte) pontos. Se isso ocorrer, todas as CCE's devem ser corrigidas com a subtração dos pontos correspondentes (Mansfield *et al.*, 1987).

Na Tabela 1 consta o fator de correção para as CCE's. A pontuação máxima é de 25 pontos para cada uma das características. Quando o total for igual ou superior a 15 pontos, o indivíduo possui a respectiva característica e é considerado empreendedor (Mansfield *et al.*, 1987).

Tabela 1

Fator de correção para as CCE's

Se o a pontuação do Fator de Correção é	Subtraia o seguinte número de correção da pontuação total de cada competência
24 ou 25	7
22 ou 23	5
20 ou 21	3
19 ou menos	0

Fonte: Elaborada pelos autores com base em Mansfield *et al.* (1987).

A população total desta pesquisa é composta por 923 indivíduos da Universidade Federal de Santa Maria, campus de Frederico Westphalen, distribuídos em seis cursos de graduação. Para o cálculo do tamanho mínimo da amostra, optou-se pela fórmula a seguir (Equação 1), que segundo Fonseca e Martins (1996), é para uma população finita. Considerou-se um nível de confiança de 95% e um erro padrão de 5%, a amostra mínima calculada foi de 272 indivíduos.

Equação (1)

$$n = \frac{z_{\alpha/2}^2 \cdot p \cdot q \cdot N}{e^2(N-1) + z_{\alpha/2}^2 \cdot p \cdot q}$$

Sendo:

e – erro amostral;

N – tamanho da população;

n – amostra mínima
 $\alpha = 0,05$ – Nível de Significância
 $p = 0,5$ e $q = 0,5$;
 $Z_{\alpha/2}^2 = 1,96$ para um nível de confiança de 95%.

A coleta de dados ocorreu nos meses de outubro a novembro de 2016, por meio de entrega pessoal nas salas de aula. Participaram 615 indivíduos, destes foram desconsiderados 18 instrumentos preenchidos de modo incompleto.

Após a coleta dos dados, realizou-se o processo de tabulação e codificação desses dados. Para tratamento e análise dos dados coletados, foram realizados testes estatísticos, utilizando o *software Statistical Package for the Social Sciences* – SPSS® versão 24. Nessa ocasião foram analisados quantitativamente e explorados os dados do modelo proposto por McClelland (Mansfield *et al.*, 1987).

Os testes estatísticos compreendem estatística descritiva em que foram calculados mínimo, máximo, médias e o desvio padrão de cada característica e dimensão, também se verificaram as intensidades das características. Em seguida, para estimar a confiabilidade, foi medida a consistência interna por meio do coeficiente alfa de Cronbach (Sampieri, Collado & Lucio, 2013).

O valor do coeficiente alfa de Cronbach pode variar de 0 a 1, sendo que, quanto mais próximo de 1, melhor a confiabilidade, pois maior será a consistência interna do instrumento ou maior a congruência entre os itens, indicando a homogeneidade da medida do mesmo fenômeno (Matthiensen, 2011).

4. ANÁLISE E DISCUSSÕES DOS RESULTADOS

Nesta etapa do trabalho, apresentam-se a análise e a discussão dos resultados, apurados após a aplicação dos questionários aos discentes da UFSM-FW, no intuito de responder os objetivos estabelecidos no estudo. Salienta-se que os dados obtidos na coleta, por meio do questionário de Mansfield *et al.* (1987), têm metodologia própria para análise, que prevê um fator de correção aplicado aos questionários que apresentarem uma supervalorização das características. Na Tabela 2, demonstram-se os totais e os percentuais de questionários que necessitaram do fator de correção.

Tabela 2
Fator de correção

Nº de casos por faixa de pontos					% de casos por faixa de pontos				
Até 19	20-21	22-23	24-25	Total	Até 19	20-21	22-23	24-25	Total
535	49	13	0	597	89,6%	8,2%	2,2%	0,0%	100%

Fonte: Elaborada pelos autores.

A partir da Tabela 2, constata-se que para 89,6% dos alunos não foi necessário o fator de correção, o que revela que os mesmos não criaram uma imagem favorável das suas características comportamentais empreendedoras.

4.1. Perfil dos Pesquisados

Da população de 923 alunos, foram obtidos 615 questionários nos seis cursos de graduação da UFSM-FW. Destes, foram desconsiderados 18 instrumentos respondidos de modo incompleto. O total e o percentual de respondentes são apresentados na Tabela 3.

Tabela 3
Totais de respondentes

Curso	Total de alunos	Respondentes	% Respondentes
Agronomia	288	178	62
Engenharia Ambiental e Sanitária	229	148	65
Engenharia Florestal	160	105	66
Jornalismo	144	70	49
Relações Públicas	55	28	51
Sistemas de Informação	152	68	45
Totais	923	597	

Fonte: Elaborada pelos autores.

A amostra é composta por 597 discentes de graduação, superior à amostra mínima calculada, e representa 64,7% da população, sendo 297 pessoas do gênero masculino (49,7%) e 300 do gênero feminino (50,3%). No que se refere à faixa etária, 87,9% (525) possuem até 23 anos. Em relação ao estado civil, os solteiros representam 97% dos respondentes. Quanto ao trabalho, 77,2% (461) dos respondentes afirmam que não trabalham. Quanto ao questionamento sobre já ter cursado disciplinas relacionadas ao empreendedorismo, 76,2% (455) dos respondentes afirmaram nunca ter cursado quaisquer disciplinas relacionadas ao empreendedorismo.

4.2. Características Comportamentais Empreendedoras

A análise dos resultados iniciou com o cálculo de mínimos, máximos, médias, desvio padrão e variância de cada característica e dimensão das CCE's dos discentes participantes. Na Tabela 4 se apresenta a estatística descritiva das CCE's.

Tabela 4
Estatística descritiva CCE's

Inst.	Características/ Dimensões	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão	Variância
CCE's	Busca de oportunidades e iniciativa	10,00	25,00	17,9280	2,54223	6,463
	Persistência	7,00	24,00	16,8442	2,41795	5,846
	Comprometimento	9,00	25,00	18,4003	2,72119	7,405
	Exigência de qualidade e eficiência	3,00	25,00	17,9598	3,10959	9,670
	Correr riscos calculados	6,00	24,00	16,5461	2,55345	6,520
	Estabelecimento de metas	5,00	25,00	19,5678	3,10188	9,622
	Busca de informações	10,00	25,00	18,3082	2,91815	8,516
	Planejamento e monitoramento sis.	9,00	25,00	16,9849	2,53792	6,441
	Persuasão e redes de contato	5,00	25,00	16,9146	2,77472	7,699
	Independência e autoconfiança	4,00	25,00	17,7102	2,93865	8,636
	Realização	7,40	22,20	17,5357	1,84038	3,387
	Planejamento	8,00	25,00	18,2915	2,28919	5,240
Poder	4,50	23,00	17,3124	2,41134	5,815	

Nº válido (Listwise) 597.

Fonte: Elaborada pelos autores.

A partir do Tabela 4 é possível identificar as pontuações mínimas e máximas de cada característica e dimensão, assim como as médias, desvio padrão e variância. Para as características, o limite máximo é de 25 pontos,

que não foi atingido nas características de persistência “24” e correr riscos calculados “24”. A maior média ocorre na característica correr riscos calculados “16,54” e a menor média ocorre na característica estabelecimento de metas “19,56”. O menor desvio padrão ocorre na dimensão realização das CCE's, que contempla as cinco características iniciais e demonstra singularidade entre os resultados.

Dentre as dez características comportamentais, destaca-se a característica estabelecimento de metas, que obteve maior média “19,56”. Na Figura 3 constam as médias das características comportamentais empreendedoras dos discentes.

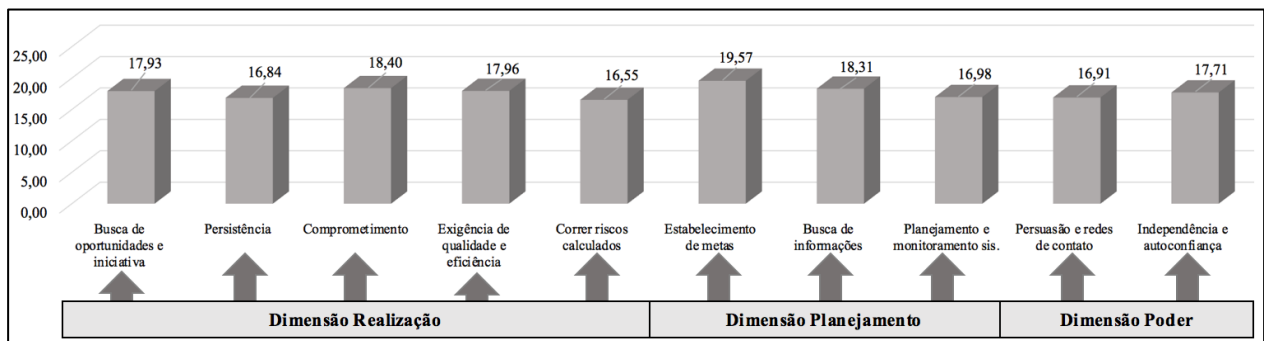


Figura 3. Média das CCE's

Fonte: Elaborada pelos autores.

A partir da média, verifica-se que os discentes pesquisados possuem as características ($\geq 15,0$), e que as mesmas estão na zona de 15,0 e 20,0 pontos.

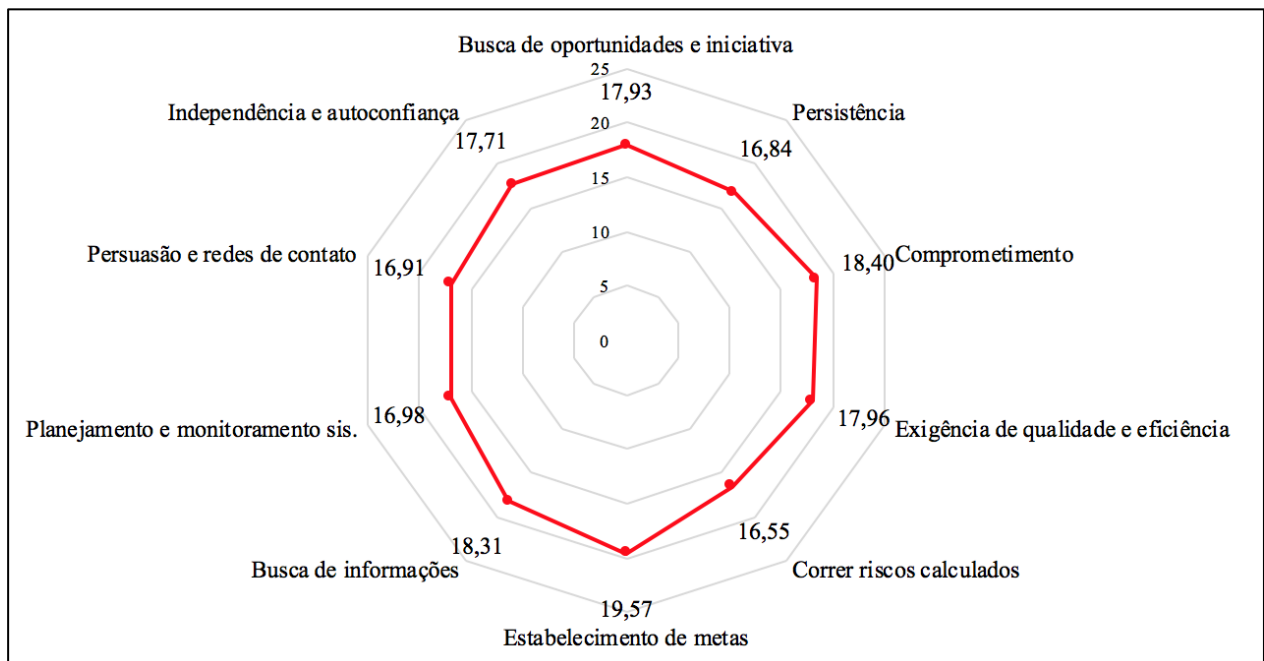


Figura 4: Zona de pontuação das médias das CCE's

Fonte: Elaborada pelos autores.

Ao considerar 25,00 como a pontuação máxima e 15,00 como a pontuação mínima para a presença das características (Mansfield *et al.*, 1987), constata-se, por meio da média, que as características dos discentes

pesquisados podem ser aprimoradas e desenvolvidas tendo em vista o limite máximo dessa pontuação. Para Minuzzi, Vargas e Fialho (2016), graduandos necessitam desenvolver as CCE's para que possam competir no mercado, em que o principal desafio é a necessidade de profissionais flexíveis e adaptáveis ao ambiente de negócios.

Para estimar a confiabilidade, foi medida a consistência interna por meio do coeficiente alfa de Cronbach (Sampieri, Collado & Lucio, 2013). O coeficiente alfa de Cronbach é calculado pela Equação 2.

Equação (2)

$$\alpha = \frac{k}{k-1} \left[\frac{\sigma_t^2 - \sum_{i=1}^k \sigma_i^2}{\sigma_t^2} \right]$$

Que corresponde a:

k corresponde ao número de itens do questionário;

$\sum_{i=1}^k \sigma_i^2$ corresponde à soma das variâncias de cada item;

σ_t^2 corresponde à variância total do questionário, determinada como a soma de todas as variâncias.

O alfa de Cronbach obteve $\alpha = 0,843$. Deste modo, os valores resultantes da aplicação dos questionários com os 597 discentes são confiáveis. Em seguida, foi realizado o teste de normalidade Shapiro-Wilk, que para Shapiro e Wilk (1965) é recomendado para amostras com menos de 2000 observações. Os resultados são apresentados na Tabela 5.

Tabela 5
Teste de normalidade Shapiro-Wilk^{ab}

Inst.	Características/Dimensões	Estatística	gl	Sig.
CCE's	Busca de oportunidades e iniciativa	,919	12	,276
	Persistência	,921	12	,294
	Comprometimento	,932	12	,400
	Exigência de qualidade e eficiência	,927	12	,348
	Correr riscos calculados	,935	12	,435
	Estabelecimento de metas	,932	12	,399
	Busca de informações	,917	12	,262
	Planejamento e monitoramento sist.	,891	12	,122
	Persuasão e redes de contato	,914	12	,237
	Independência e autoconfiança	,982	12	,990
	Realização	,857	12	,045
	Planejamento	,934	12	,422
Poder	,901	12	,164	

^a Correlação de Significância de Lilliefors.

^b Excluem-se casos pelo Método Listwise.

Fonte: Elaborada pelos autores.

Os resultados para o teste de normalidade indicaram que os escores obtiveram significância maior que 0,05, indicando que a distribuição dos dados é uma distribuição normal (Sig.<0,05), resultado considerado médio (Hair Jr. et al., 2009) e indicam que a análise fatorial é apropriada.

Nesse sentido foi realizado o teste de esfericidade de Bartlett, que para Lopes (2016) tem por finalidade testar a hipótese de que as variáveis não sejam correlacionadas (Ho) ($p > 0,05$). A hipótese básica diz que a matriz de correlação é uma matriz identidade, indicando que o modelo fatorial é inadequado. O teste de esfericidade Bartlett

resultou em uma Sig. de 0,000, ou seja, indica a significância das correlações entre os fatores das CCE's, apoiando a conveniência da análise fatorial para o instrumento, com nível de confiança de 95%. (Hair Jr. *et al.*, 2009).

Na Tabela 6 consta a contribuição percentual dos fatores, a variância total, em que se percebe que três fatores representam 67,21% de contribuição.

Tabela 6
Extração de fatores^a – CCE's

Fatores	Autovalores iniciais			Somadas de extração de carregamentos ao quadrado			Somas de rotação de carregamentos ao quadrado
	Total	% de variância	% cumulativa	Total	% de variância	% cumulativa	Total
1	6,309	48,529	48,529	6,309	48,529	48,529	3,163
2	1,335	10,272	58,800	1,335	10,272	58,800	2,888
3	1,093	8,411	67,211	1,093	8,411	67,211	2,686
4	,768	5,910	73,121				
5	,737	5,669	78,790				
6	,648	4,987	83,777				
7	,614	4,720	88,497				
8	,537	4,133	92,630				
9	,511	3,928	96,558				
10	,439	3,373	99,932				
11	,009	,068	100,000				
12	,000	,000	100,000				
13	,000	,000	100,000				

^a Método de Extração: Análise de Componente Principal.

Fonte: Elaborada pelos autores.

A análise fatorial para as características empreendedoras atende a relação mínima de 1:5, ou seja, 5 casos na amostra para cada variável do estudo (Hair Jr. *et al.*, 2009). Utilizou-se o método de componentes principais com tratamento *pairwise* para os casos omissos, o método de componentes principais que, para Almeida (2013), objetiva explicar o máximo possível a variância dos dados, criando uma combinação linear entre as variáveis. É utilizado para combinar variáveis em um número menor de fatores, usualmente para facilitar cálculos ou estimativas. Para determinar a quantidade de fatores extraídos, foi utilizado o método *eigenvalue*, que indica que os fatores devem ter um autovalor maior que 1.

Para rotação dos fatores, optou-se pelo método Varimax, que atribui altas cargas sobre os fatores e diminui o número de variáveis em cada setor, não alterando as variâncias e as comunalidades, o que para Hair Jr. *et al.* (2009) facilita a interpretação dos fatores, pois cada fator novo, após rotação, deve apresentar uma correlação forte com uma ou mais variáveis e correlação fraca com as demais variáveis.

No Gráfico esarpa (Figura 5), consta o número de componentes fatoriais extraídos em relação aos autovalores associados a esses fatores, e verificam-se três fatores acima do limite 1,00. No estudo de Bartel (2010) também se verificaram três fatores acima de 1,00, no entanto Bartel optou por realizar a matriz de coeficientes das cargas fatoriais somente para dois fatores.

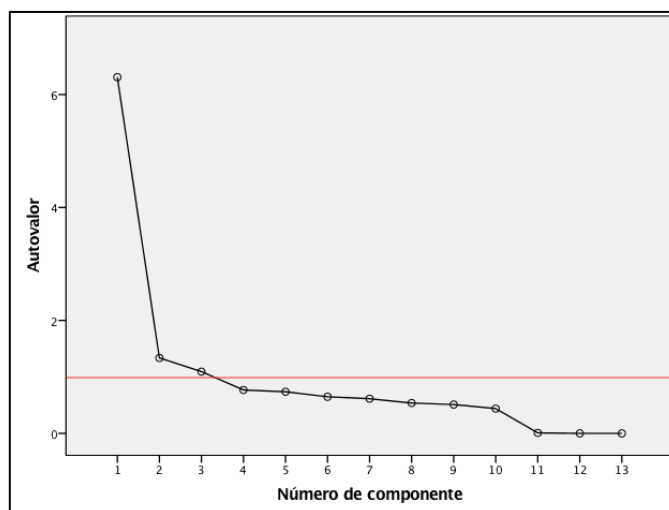


Figura 5: Gráfico de escurpa – CCE's

Fonte: Elaborado pelos autores.

No presente estudo considerou-se o resultado do critério da raiz latente (Tabela 7) confirmado no Gráfico de escurpa (Figura 5), em que três fatores apresentaram autovalor maior que um.

Após análise dos componentes extraídos, demonstra-se a matriz de coeficientes das cargas fatoriais (Tabela 7). Verifica-se como os itens agrupam-se em relação aos fatores. Foram incluídos na escala apenas os itens com cargas fatoriais superiores ou iguais a 0,30, para Hair Jr. *et al.* (2009). Para amostras superiores a 350, é indicado utilizar carga fatorial de 0,30, relembra-se que a amostra da presente análise é composta por 597 discentes.

Tabela 7

Matriz de coeficiente das cargas fatoriais – CCE's

	Variável	Fator 1	Fator 2	Fator 3	Comunalidades
Características	Busca de oportunidades e iniciativa	,457			,424
	Persistência	,669			,523
	Comprometimento	,623			,472
	Exigência de qualidade e eficiência	,755			,634
	Correr riscos calculados	,569			,435
	Estabelecimento de metas		,675		,600
	Busca de informações		,783		,706
	Planejamento e monitoramento sist.		,700		,581
	Persuasão e redes de contato			,771	,676
	Independência e autoconfiança			,804	,722
Dimensão	Realização	,900	,324		,995
	Planejamento	,315	,904		,988
	Poder			,933	,981

Fonte: Elaborada pelos autores.

A partir da Tabela 7, verifica-se que os resultados coincidem com a classificação das características elaboradas por McClelland, em que a dimensão realização compreende as características de busca de oportunidades e iniciativa, persistência, comprometimento, exigência de qualidade e eficiência e correr riscos calculados; a dimensão planejamento compreende as características de estabelecimento de metas, busca de informações e planejamento e

monitoramento sistemáticos; e a dimensão poder contempla as características de persuasão e redes de contato e independência e autoconfiança. Esse resultado confirma os fatores de cada dimensão do instrumento de características comportamentais empreendedoras (Mansfield *et al.*, 1987). Para tal análise, não foi levado em consideração os valores das comunalidades.

4.3. Comparação das Características Comportamentais Empreendedoras entre os Cursos

Levando em consideração a variável curso, se infere que as características comportamentais empreendedoras podem se expressar de diferentes maneiras. Para Clark (2006), o princípio da universidade empreendedora fundamenta-se numa cultura empreendedora permeando por toda universidade. Diante disso, as características comportamentais empreendedoras devem constar nos alunos indiferente do curso de graduação que realizem, como futuros empreendedores em suas respectivas áreas de atuação. Na Tabela 8, apresentam-se as pontuações das respectivas características comportamentais empreendedoras para cada curso de graduação pesquisado.

Tabela 8
CCE's x Curso

Cursos	Busca de oportunidades e iniciativa	Persistência	Comprometimento	Exigência de qualidade e eficiência	Correr riscos calculados	Estabelecimento de metas	Busca de informações	Planejamento e monitoramento sistemáticos	Persuasão e redes de contato	Independência e autoconfiança
	Características									
Agronomia	17,72	16,57	18,29	17,63	16,19	19,35	18,21	16,70	16,73	17,32
Eng. Ambiental e San.	17,98	16,99	18,43	18,38	16,88	19,63	18,34	17,06	16,97	17,98
Engenharia Florestal	17,83	16,86	18,62	18,00	16,68	19,87	18,65	17,23	17,44	17,84
Jornalismo	18,07	16,86	18,07	18,26	16,51	19,37	18,23	17,07	16,57	17,22
Relações Públicas	18,03	16,71	19,06	18,39	16,86	19,82	18,36	16,93	16,50	17,78
Sist. de Informação	18,02	17,09	18,06	17,16	16,29	19,42	17,84	16,90	17,07	18,17

Fonte: Elaborada pelos autores.

A partir do Tabela 8, infere-se que as pontuações mais baixas ocorrem na característica **Correr riscos calculados**, nos cursos de Agronomia “16,19” e Sistemas de informação “16,29”. Essa característica também foi a mais baixa na média geral dos cursos pesquisados. Nesse sentido, para McClelland (MSI, 1990), esses discentes não avaliam ou calculam os riscos, não tomam medidas para reduzir os riscos ou controlar os resultados e tendem a não se colocar em situações que impliquem desafios ou riscos moderados, sendo uma característica importante para o desenvolvimento do comportamento empreendedor.

As pontuações mais altas são observáveis na característica **Estabelecimento de metas**, nos cursos de Engenharia Florestal “19,87” e Relações Públicas “19,82”. Essa característica também obteve maior pontuação na média geral dos cursos. Um indivíduo com esta característica procura definir metas de longo prazo, claras e específicas

e continuamente define e revisa os objetivos de curto prazo (MSI, 1990), o que pode ser justificado por se tratarem de alunos de graduação que estão se preparando para a atividade profissional.

Constata-se que o curso de **Agronomia** obteve pontuações **mais baixas** em mais características, diante dos demais cursos, sendo quatro características: Busca de oportunidades e iniciativa “17,72”, Persistência “16,57”, Correr riscos calculados “16,19” e Planejamento e monitoramento sistemáticos “16,70”. O curso de **Engenharia Florestal** obteve pontuações **mais altas** em quatro características, diante dos demais cursos, sendo: Estabelecimento de metas “19,87”, Busca de informações “18,65”, Planejamento e monitoramento sistemáticos “17,23” e Persistência “17,44”.

Verifica-se que, apesar de serem cursos de diferentes áreas, as pontuações para cada característica obtiveram similitude dentre os cursos. A maior discrepância entre a pontuação mínima e máxima é observável na característica **Exigência de qualidade e eficiência**, com diferença de “1,23”. As demais características apresentam diferença igual ou inferior a “1,00”.

Em seguida foi realizada a comparação das pontuações entre as dimensões Realizações, Planejamento e Poder, diante dos seis cursos de graduação pesquisados (Figura 6).

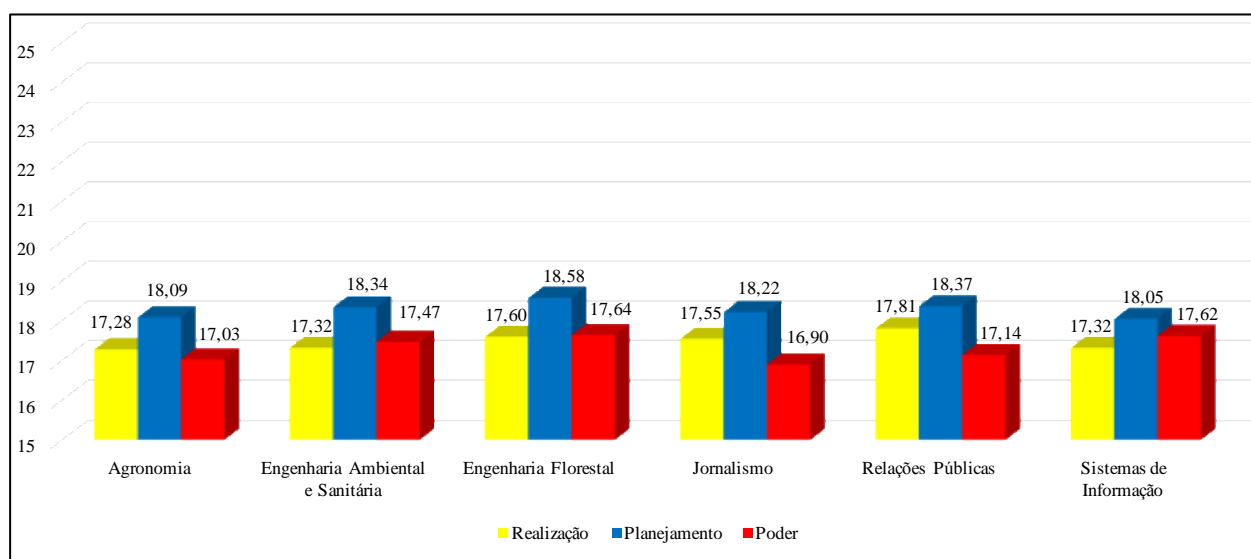


Figura 6: CCE's x Dimensões

Fonte: Elaborada pelos autores.

Diante da comparação das dimensões das características comportamentais empreendedoras, infere-se que a dimensão **Planejamento** (Figura 6) obteve pontuação superior em todos os cursos de graduação. Para Gomes (2011), o planejamento é considerado a base para o sucesso, dentro e fora da sala de aula, nesse sentido o comportamento empreendedor pode oportunizar ao estudante enxergar e avaliar determinada situação, assumindo uma posição proativa frente a ela, capacitando-o a elaborar e planejar formas e estratégias de interagir com aquilo que ele passou a perceber (Lopes, 2014), por isso o desenvolvimento do comportamento empreendedor deve ser estimulado no meio acadêmico.

A dimensão **Realização** obteve a menor pontuação nos cursos de Engenharia Ambiental e Sanitária, Engenharia Florestal e Sistemas de Informação, enquanto a dimensão **Poder** consta com pontuação menor nos cursos de Agronomia, Jornalismo e Relações Públicas.

Diante do exposto, constata-se que os discentes dos cursos pesquisados possuem as dez características comportamentais empreendedoras ($\geq 15,00$) (Mansfield *et al.*, 1987), sendo a característica com menor pontuação Correr riscos calculados e com maior pontuação Estabelecimento de metas. O curso com menores pontuações foi Agronomia e com maiores pontuações Engenharia Florestal, no entanto se verificou similitude nas pontuações das

características, a maior diferença ocorreu na característica Exigência de qualidade e eficiência. Dentre as dimensões, Planejamento obteve maioria em todos os cursos e é considerada a base para o sucesso.

Relacionando esses resultados ao fato de 76% dos respondentes nunca ter cursado quaisquer disciplinas relacionadas ao empreendedorismo, infere-se que, apesar dos seis cursos apresentarem as dez CCE's, a universidade empreendedora ainda não é concreta na instituição pesquisada, quando se considera que a mesma deva permear por todos os cursos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os discentes, para Minuzzi, Vargas e Fialho (2016), necessitam desenvolver as CCE's para que possam competir no mercado, cujo principal desafio é a necessidade de profissionais flexíveis e adaptáveis ao ambiente de negócios. Isso corrobora o desenvolvimento do comportamento empreendedor e a ideia da universidade empreendedora, que, para Clark, deve permear por toda instituição.

Diante do contexto abordado e considerando a importância do empreendedorismo para o desenvolvimento das organizações, resgata-se o objetivo deste estudo, que consiste em analisar as características comportamentais empreendedoras (CCE's) presentes em discentes da Universidade Federal de Santa Maria, *campus* de Frederico Westphalen (UFSM-FW). Foi possível verificar que os discentes da UFSM-FW possuem as dez características comportamentais empreendedoras, no entanto elas podem ser aprimoradas, visto que constam na zona de 15 e 20 pontos e a pontuação máxima é de 25 pontos.

Relacionando esse resultado ao fato de que 76% dos respondentes nunca cursaram quaisquer disciplinas relacionadas ao empreendedorismo, infere-se que, apesar dos mesmos apresentarem as dez CCE's, a universidade empreendedora ainda não foi concretizada na instituição pesquisada, quando se considera que o empreendedorismo deve permear em todos os cursos.

De forma específica, verificou-se o perfil dos discentes participantes da pesquisa, a amostra foi homogênea, sendo a maioria jovens com até 23 anos, solteiros e que não trabalham. Além disso, realizaram-se testes estatísticos. A consistência interna das escalas foi avaliada pelo Coeficiente de Alfa Cronbach, atestando fidedignidade para a medida e avaliação dos construtos. Por meio da estatística descritiva analisaram-se mínimos, máximos, médias, desvio padrão e variância das CCE's. A partir da análise fatorial, confirmaram-se as características com as respectivas dimensões.

Entende-se que o estudo traz contribuições para a área acadêmica e para a sociedade. Os resultados contribuem para um maior entendimento quanto às características comportamentais empreendedoras dos alunos de graduação da UFSM-FW. A partir dessa consciência, espera-se que os órgãos competentes da UFSM ampliem o fomento e o estímulo ao empreendedorismo na graduação, contemplando discentes, docentes e técnicos administrativos, promovendo uma cultura empreendedora na instituição, não apenas como uma opção profissional, mas também instigando o desenvolvimento de um comportamento mais empreendedor.

Também se identificaram e compararam as características empreendedoras de acordo com o curso de graduação desses discentes, em que se verificaram as características mais baixas e mais altas, e os cursos com pontuação mais baixa e mais alta, sendo que a característica com menor pontuação foi Correr riscos calculados e com maior, Estabelecimento de metas. O curso com menores pontuações foi Agronomia e com maior Engenharia Florestal. A dimensão planejamento obteve maior pontuação em todos cursos pesquisados.

O estudo se limitou ao *campus* de Frederico Westphalen, da Universidade Federal de Santa Maria. Contudo, há que se ter cautela quanto à generalização dos resultados, visto que outras variáveis que este estudo não abordou podem influenciar nos resultados, como a cultura.

Por fim, sugere-se a replicação da presente pesquisa em outros cursos de graduação da instituição pesquisada e em demais instituições de ensino superior e básico, nacionais e internacionais, para que seja possível estabelecer uma comparação entre os resultados obtidos, considerando também diferenças culturais. Seria interessante, também, realizar um acompanhamento longitudinal da evolução dessas características comportamentais nos indivíduos pesquisados.

REFERÊNCIAS

- Bartel, G. (2010). Análise da evolução das características comportamentais empreendedoras dos acadêmicos do curso de Administração de uma IES catarinense. *Dissertação de mestrado*. Mestrado em Administração, Universidade Regional de Blumenau, Blumenau/SC.
- Boutillier, S., & Uzunidis, D. (2014). The theory of the entrepreneur: from heroic to socialised entrepreneurship. *Journal of Innovation Economics & Management*, (14), 9-40.
- Brancher, I. B., Oliveira, E. M., & Roncon, A. (jan./jun. 2012). Comportamento empreendedor: estudo bibliométrico da produção nacional e a influência de referencial teórico internacional. *Internext – Revista Eletrônica de Negócios Internacionais da ESPM*, São Paulo, 7(1), 166-193.
- Câmara, E., & Andalécio, A. M. L. (2012). Características empreendedoras: um estudo de caso com farmacêuticos utilizando o modelo de McClelland. *REGEPE – Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas*. 1(3).
- Carreira, S. S. et al. (2016). Empreendedorismo feminino: um estudo fenomenológico. *Navus, Revista de Gestão e Tecnologia*, Florianópolis, SC, 5(2). Recuperado em 13 março, 2017, de <http://navus.sc.senac.br/index.php/navus/article/view/208>.
- Casado, F. L. Siluk, J. C. M. & Zampieri, N. L. V. (2012). Universidade empreendedora e desenvolvimento regional sustentável: proposta de um modelo. *Rea*. UFSM, Santa Maria, 5(Edição Especial), 633-650, Dez.
- Ching, H. Y., & Kitahara, J. R. (dez. 2015). Propensão a empreender: uma investigação quantitativa baseada nas características empreendedoras de alunos do curso de administração. *Revista de Ciências da Administração*, 17(43), 99-111.
- Comissao Europeia. (2012). Repensando educação: investindo em habilidades para melhores resultados socioeconômicos.
- Dinis, A., Paço, A., Ferreira, J., Raposo, M., & Gouveira, R. R. (2013). Psychological characteristics and entrepreneurial intentions among secondary students. *Education + Training*, 55(8/9), 763–780.
- Dolabela, F. & Fillion, L. J. (2013). Fazendo revolução no Brasil: a introdução da pedagogia empreendedora nos estágios iniciais da educação. *Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas*, v. 3, n. 2.
- Engelman, R.; Fracasso, E. M. & Brasil, V. S. (2011) A qualidade percebida nos serviços de incubação de empresas. *READ. Rev. eletrôn. adm.* Porto Alegre. v. 17 n. 3 Porto Alegre sept./dec.
- Etzkowitz, H. (2009). Hélice Tríplice – Universidade-Indústria-Governo, Inovação em movimento. Porto Alegre: PUCRS.
- Flores, D. C. & Hoeltgebaum, M. & Silveira, A. (2008). “O Ensino do Empreendedorismo nos Cursos de Pós-Graduação em Administração no Brasil”. *Revista de Negócios*, 13(2), 93– 104.
- Fonseca, J. S., & Martins, G. A. (1996). *Curso de estatística*. 6. ed. São Paulo: Atlas.
- Garcia, R., Araújo, V., Mascarini, S., Silva, A. O., & Ascúa, R. (2012). Empreendedorismo acadêmico no Brasil: uma avaliação á criação de empresas por estudantes universitários. *Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas*, 1(3).
- Gomes, E. M. F. (2011). *A importância do planejamento para o sucesso escolar*. Universidade Federal do Tocantins – TO.
- Hair Jr., J. F., Black, W. C., Babin, B., Anderson, R. E., & Tatham, R. L. (2009). *Análise multivariada de dados*. 6a ed., A. Sant’Anna, Trad. Porto Alegre, RS: Bookman. Obra original publicada em 2006.

- Krakauer, P. V. C., Porto, M. C. G., Oliveira, C. S. M. O., & Almeida, M. I. R. (jan./mar. 2015). Ensino de Empreendedorismo: Utilização do Business Model Generation. *Revista de Administração e Inovação*, São Paulo, 12(1), 07-23.
- Krüger, C., & Minello, I. F. (2017). Atitude Empreendedora em Discentes de Graduação: Entre a Teoria e a Prática. *Revista Alcance*, 24(2), 191-208.
- Leiva, J. C., Alegre, J., & Monge, R. (2014). The influence of Entrepreneurial learning in new Firms' performance: a study in costa rica. *Rev. Inovar*, 24(edición especial).
- Lorentz, M. H. N. (2015). *O Comportamento Empreendedor de Diretores da UFSM e sua percepção quanto à Universidade Empreendedora*. Dissertação de Mestrado, Curso de Mestrado Profissional em Gestão de Organizações Públicas do Programa de Pós-Graduação em Administração, Universidade Federal de Santa Maria, RS.
- Lopes, C. L. J. (2014). Educação Empreendedora: Um estudo do projeto de empreendedorismo 10.0 aplicado aos alunos do curso técnico em informática. *Revista de Empreendedorismo, inovação e tecnologia*, 1(1), 39-44.
- Lopes, L. F. D. (2016). *Métodos quantitativos* (1a ed.). Universidade Federal de Santa Maria.
- Machado, A. C. Z., Lenzi, F. C., & Manthey, N. B. (out./dez. 2017). O ensino do empreendedorismo em cursos de graduação: panorama das práticas dos cursos de ciências sociais aplicadas. *Revista Alcance*. 24(4).
- Management Systems International (MSI). (1990). *Entrepreneurship training and the strengthening of entrepreneurial performance*. Final Report. Submetido por Robert Young, Washington.
- Mansfield, R. S., McClelland, D. C., Spencer, J. L. M., & Santiago, J. (1987). The identification and assessment of competencies and other personal characteristics of entrepreneurs in developing countries. *Final report*. McBer and Company. Massachusetts.
- Marinho, E. S. (2016). *Processo de incubação, características empreendedoras e aprendizagem empreendedora: uma perspectiva interativa*. Dissertação de Mestrado, curso de Mestrado em Gestão de Organizações Públicas, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS.
- McClelland, D. C. (1961). *The achieving society*. Princeton, N. J.: Van Nostrand.
- McClelland, D. C. (1972). *A sociedade competitiva: realização & progresso social*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura.
- McClelland, D. C. (1987). Characteristics of successful entrepreneurs. *The journal of creative behavior*, 21(3).
- Matthiensen, A. (2016). Uso do Coeficiente Alfa de Cronbach em Avaliações por Questionários. *EMBRAPA*. Boa Vista, RR, 2011. Recuperado em 07 junho, 2017, de <http://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/68073/1/DOC-48-2011-ID-112.pdf>
- Minello, I. F. (2010). *Resiliência e insucesso empresarial: um estudo exploratório sobre o comportamento resiliente e os estilos de enfrentamento do empreendedor em situações de insucesso empresarial, especificamente em casos de descontinuidade do negócio*. Tese de Doutorado, Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.
- Minello, I. F. (2014). *Resiliência e Insucesso Empresarial: o comportamento do empreendedor diante do fracasso nos negócios*. Curitiba: Appris.
- Minello, I. F., Bürger, R. E., & Krüger, C. (Ago. 2017). Características comportamentais empreendedoras: um estudo com acadêmicos de administração de uma universidade brasileira. *Rev. Adm. UFSM*, Santa Maria, 10(Edição Especial), 72-91.
- Minuzzi, C. D. O., Vargas, K. S., & Fialho, C. B. (2016). Características comportamentais empreendedoras: em cena os futuros administradores. *Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas*, 5(1).

- Moreira, B. C. M., Costa, D. F., & Carpenedo, E. B. (2015). Políticas de desenvolvimento para micro e pequenas empresas: marcos, limites e desafios de uma política industrial articulada no Brasil. *RDE - Revista de Desenvolvimento Econômico*, 16(30).
- Moreira, R. (2011). Empreendedorismo na Universidade do Minho: o caso dos diplomados das ciências sociais. *ComTextos CICS Working Paper*, 4.
- Nassif, V. M. J., Hashimoto, M., & Amaral, D. J. (2014). Entrepreneurs Self-Perception of Planning Skills: Evidences from Brazilian Entrepreneurs. *Revista Ibero-americana de Estratégia*, 13(4).
- Politis, D. (2005). The process of entrepreneurial learning: a conceptual framework. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 399-424.
- Quandt, C. O., Silva, H. F. N., Ferraresi, A. A., & Frega, J. R. (jul./set. 2014). Programas de gestão de ideias e inovação: as práticas das grandes empresas na região sul do Brasil. *Revista de Administração e Inovação*, São Paulo, 11(3), 176-199.
- Ramos, M. P. (2013). Métodos Quantitativos e Pesquisa em Ciências Sociais: Lógica e Utilidade do Uso da Quantificação nas Explicações dos Fenômenos Sociais. *Mediações - Revista de Ciências Sociais*, 18(1), 55-65.
- Raufflet, E., Bres, L., & Filion, L. J. (2014). Desenvolvimento sustentável e empreendedorismo. *Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas*, 3(1), 3-32.
- Raup, F. M., & Beuren, I. M. (2011). Perfil do suporte oferecido pelas incubadoras brasileiras às empresas incubadas. *REAd. Rev. eletrôn. Adm*, Porto Alegre, 17(2), 330-359.
- Sampieri, R. H., Collado, C. F., & Lucio, M. del P. B. (2013). *Metodologia de Pesquisa*. 5. ed. Porto Alegre: Penso.
- Sebrae, & Endeavor. (2016). *Empreendedorismo nas Universidades Brasileiras*. Recuperado em 01 agosto, 2018, de www.endeavor.org.br/.
- Shapiro, S. S., & Wilk, M. B. (1965). An analysis of variance test for normality (complete sample). *Biometrika*, 52, 59.
- Schumpeter, J. A. (1985). O fenômeno fundamental do desenvolvimento econômico. In *A teoria do desenvolvimento econômico*. Rio de Janeiro: Nova Cultura.
- Souza, E. C. L. de. (2001). *A disseminação da cultura empreendedora e a mudança na relação universidade-empresa. Empreendedorismo: competência essencial para pequenas e médias empresas* (pp. 28-41). Brasília, DF: ANPROTEC.
- Souza, I. M., & Santos, J. L. (2013). Empreendedorismo na gestão universitária. *Revista da Universidade Vale do Rio Verde*, 11(2), 517-526.
- Triviños, A. N. S. (1987). *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação* (1a ed). São Paulo: Atlas.
- Zampier, M. A., & Takahashi, A. R. W. (2014). Competências e aprendizagem empreendedora em MPE's educacionais. *Revista Pensamento Contemporâneo em Administração*, 8(3).